

APRENDIZAGEM EM
TURISMO:
experiências

LEARNING IN TOURISM:
experiences

APRENDIZAGE EN TURISMO:
experiencias

Aluízio Augusto Carvalho Santos ¹
Ivany Câmara Neiva ^{2, 3}

RESUMO

Trata-se de artigo em que são relatadas experiências pedagógicas, nas quais a preocupação maior é que educandos e educadores as vejam como oportunidades de formação para a vida. A leveza, o brincar, são fundamentais. Ser útil para si próprio, e para os outros, deve ser a motivação prioritária em qualquer trabalho a ser feito. Tais condições de aprendizagem são aplicadas ao Turismo. Os procedimentos metodológicos são qualitativos. Importa que os resultados expressem que educandos e educadores sentem prazer, e que têm compromisso com o conhecimento, em suas atividades pedagógicas.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). É professor da Escola Vivendo e Aprendendo, de ensino fundamental. É artista, pesquisador, oficinairo, pedagogo pela Universidade de Brasília. Coordena projetos artísticos-culturais nas áreas de circo, teatro do bonecos, brinquedos e brincadeiras. Vive em Sobradinho/DF. Tem uma filha e um filho. E-mail: aluizioaugusto@gmail.com.

² Doutorado em História pela Universidade de Brasília (UnB). Mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: ivacomunica@gmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo - CET. Universidade de Brasília (UnB) Asa Norte. CEP: 70910900 - Brasília, DF - Brasil

PALAVRAS-CHAVES: Turismo; Curiosidade; Interesse; Crítica; Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper is an article where pedagogical experiences are reported, and in which the biggest concern is that teachers and pupils see, opportunities in learning for life. Lightness and the playing are fundamental. Being useful to the self and to the others must be the main motivation in any task to be achieved. Such learning conditions are explained through Tourism. Methodological procedures are qualitative. We are concerned that the results show that teachers and students feel good, and that they commit to their pedagogical activities.

KEYWORDS: Tourism; curiosity; interest; criticism; learning.

RESUMEN

En este artículo se relatan experiencias pedagógicas en las cuales la mayor preocupación es que los educandos y educadores vean, en las materias dictadas, oportunidades de formación para la vida. La ligereza y el juego son fundamentales. Ser útil para sí mismo y para los demás debe ser la motivación prioritaria en cualquier trabajo a ser realizado. Estas condiciones de aprendizaje se aplican al Turismo. Los procedimientos metodológicos son cualitativos. Es importante que los resultados expresen que educandos y educadores sienten placer y que tienen compromiso con el conocimiento en sus actividades pedagógicas.

PALABRAS CLAVE: Turismo; Curiosidad; Interés; Crítica; Aprendizaje.

Recebido em: 16.05.2018. Aceito em: 12.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Introdução

No filme *Where to Invade Next*⁴, o diretor Michael Moore faz uma turnê por alguns países (Itália, França, Finlândia, Alemanha, Tunísia e outros), “invadindo-os” ele mesmo, em busca de ideias e exemplos a serem levados de volta para os Estados Unidos, onde “se pretende implantá-los”.

Quanto à Educação, Moore procura, na Finlândia, razões para o fato de esse país ocupar o lugar mais alto no ranque mundial de Educação. Em busca de respostas, encontrou-se com várias pessoas, como a Ministra da Educação Krista Kiuru, Leena Liusvaara, diretora de escola, e Tim Walker, professor de Matemática.

A resposta era: a escola precisa formar pessoas felizes.

“Eles devem ter mais tempo para serem crianças, serem jovens, para aproveitarem a vida.” (Krista Kiuru); “Eu quero que as crianças brinquem.” (Leena Liusvaara); “Nós tentamos ensiná-los a serem pessoas felizes. Respeitar os outros e a si mesmos.” (Tim Walker).

No Brasil também a questão está presente. Tomamos como exemplo alguém que está na mídia: a musicista, cronista e mãe Fernanda Takai. Em entrevista a Pétria Chaves, na Revista CBN, em 22.08.2016⁵, Fernanda dizia, lembrando-se da experiência com sua filha Nina: “Acho que as crianças estão precisando brincar mais... O mundo está ficando muito sério, muito rápido... [As crianças precisam] aproveitar mais seu tempo de criança com brincadeiras [...] Têm que ter tempo para brincar... [...]”

Consideramos que não apenas as crianças devem brincar e manterem a ludicidade por toda a vida, mas também os jovens e os adultos – ou educandos e educadores, quando se trata de processos de aprendizagem. Isso deve

⁴ Filme “Where to Invade Next”, dirigido por Michael Moore, em 2015.

⁵ Fernanda Takai em entrevista a Pétria Chaves (Rádio CBN), em 2016.

acontecer em todos os níveis e tipos de aprendizagem – inclusive na Academia, inclusive nos cursos de Turismo ou em cursos que tenham aproximação temática ou afetiva com o Turismo.

São aqui descritas atividades desenvolvidas em três disciplinas de cursos acadêmicos, na Universidade Católica de Brasília e na Universidade de Brasília. Buscou-se exercitar o comprometimento com o conhecimento e com o brincar. Buscou-se também, nas disciplinas selecionadas, desconstruir relações de poder por vezes existentes entre educadores e educandos (originárias da formação “superior” dos educadores, e do seu maior acesso ao conhecimento alcançado – com dedicação e competência, reconhecemos, mas que não os torna “superiores” aos educandos⁶), bem como romper a segmentação entre “diversas formas” de conhecimento, e a ludicidade. Tal segmentação pode ser encontrada nos currículos em geral – inclusive nos de Turismo. Outra busca era desconstruir essa separação, e tratar os conteúdos das disciplinas de forma integrada.

Reconhecemos que os resultados de tais buscas podem ser lentos e ocorrem na medida do possível, em cada momento e em cada Curso.

Esses procedimentos são libertadores, no sentido de estimular a autoestima, a confiança e a independência dos educandos (e também dos educadores).

Procurou-se tornar o período escolar prazeroso para os educadores e para os jovens educandos, formando-os (e não apenas “os instruindo”), preparando todos para a vida.

⁶ Lembramo-nos do conceito de cultura e de algumas ideias importantes sobre o assunto, especialmente as que lembra que há, sim, diferenças entre culturas, mas isso não quer dizer que há desigualdades entre culturas: uma cultura é diferente de outra, mas não é “melhor” que outra, ou “superior” a outra.

Desenvolvimento

Em termos de metodologia, escolheu-se a pesquisa qualitativa, principalmente considerando a opção ética dos pesquisadores. A pesquisa qualitativa não pressupõe quantidade mínima ou máxima de observações: o que importa é a qualidade, no caso, da aprendizagem. Afastada a hipótese do conhecimento “neutro”, enfatizaram-se o diálogo, a interação dos diferentes “conhecimentos”, o caráter emancipador da Educação (emancipador porque, sendo não estanque, possibilita ao educando – e ao educador – posturas sustentáveis e de autonomia).

Seguindo a pesquisa qualitativa e priorizando técnicas participativas, foi compreendida a indissociabilidade entre o conhecimento prático e o teórico. Essa indissociabilidade foi experimentada nas disciplinas, junto aos educandos.

Entendemos que nosso objeto de estudo é construído no âmbito de uma relação social:

[...] o saber nasce em uma relação estreita com o contexto sociocultural, com as tradições consolidadas na comunidade à qual pertence o sujeito observador e com as suas experiências de vida. (CRESPI e FORNARI, 1998, *apud* DUARTE e BARROS, Orgs., 2005, p.34)

No caso das disciplinas e experiências que escolhemos, lembramo-nos de Paulo Freire, quando fala das tradições, da história, da experiência e das mudanças ao longo da vida – de educandos e de educadores: “Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (FREIRE, 2001, p.40). O educador é um mediador.

Pretendemos buscar prazer, bem-estar e posicionamento crítico para educandos e educadores, e considerar currículos e grades como instrumentos de formação integral (e não de repetição ou desenvolvimento de conteúdos

programáticos estanques). Trata-se do respeito à diversidade e à presença de conflitos, tendo sempre a ideia de vivenciar a vida de maneira plena.

Lembramo-nos de outras descobertas anteriores, de pesquisadores como Vigotski, Walter Benjamin, Bakhtin, e do mesmo Paulo Freire, para quem a experiência se deve sobrepor aos ensinamentos repetidos por educadores a educandos.

Contamos, aqui, experiências vivenciadas com educandos, em que não são esquecidos os conteúdos, mas também não se esquecem das necessidades de desenvolvimento integrado da personalidade, do brincar, da ludicidade, das trajetórias, do Presente, das expectativas de cada um, diferentes para cada educando e educador.

Os objetivos alcançados não se referem apenas a desenvolver ou melhorar conteúdos referentes a conhecimentos tecnológicos ou técnicos, mas sim de relacionar conteúdos e possibilitar o desenvolvimento integrado dos educandos. Pretende-se avaliar os impactos dessas disciplinas no próprio processo de aprendizagem, na satisfação e na motivação dos educandos na escola e na vida.

Sobre as diferentes experiências dos educandos e dos educadores, lembramo-nos novamente de Paulo Freire (FREIRE, 1995, p.68): “Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.”

Considera-se que, de acordo com os procedimentos metodológicos adotados no processo científico, é esperada uma avaliação dos resultados. No caso, espera-se uma avaliação dos impactos dessa mudança de postura – da inclusão do brincar nas práticas pedagógicas, e de uma forma de “ensinar” conteudista para outra, integralizada. Como se trata de experiência formadora para a vida, não se trata de avaliação por meio de questionários, formulários ou

observação. A experiência ao longo da vida não é avaliável agora; não é replicável. Como diz Larrosa, cada experiência é única e não pode ser repetida.

A experiência não pode ser preditível ou previsível; não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão. (LARROSA, 2002, *passim*)

Consideramos que a avaliação, portanto, deve ser desenvolvida no âmbito do processo de experiência de cada um.

É antiga, essa posição nossa quanto à aprendizagem – anterior à escolha pelo magistério, aperfeiçoada ao longo da vida.

Como foi dito anteriormente, escolhemos a descrição de três experiências pedagógicas realizadas no âmbito do ensino acadêmico.

1) Em 2007, proporcionamos aos estudantes de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília uma experiência não muito comum no curso. Embora eles fossem acadêmicos já quase formados, jovens adultos, organizamos oficinas de brinquedos populares. Além dos estudantes, estávamos nós: a professora foi xxx e xxx era oicineiro. Antes, durante e depois das oficinas, fizemos leituras conjuntas (como “Memórias de brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX”, organizado por Maria Alice Setúbal Silva; crônicas de Bráulio Tavares; “O que é realidade”, de João-Francisco Duarte Junior; “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação”, de Walter Benjamin), que ganhavam sentido na medida em que eram associadas à experiência que os estudantes viviam nas aulas. Praticava-se, então, a não segmentação de conteúdos.

As primeiras oficinas são chamadas, aqui, de Oficina I.

Em todas as oficinas (as fotos são de xxx), era visível a satisfação de todos ao brincar e trocar entre si os poucos recursos (tesoura, giz de cera, cola, durex,

papelão, barbante). Víamos que, na construção que era proposta, havia solidariedade entre eles e com os educadores, por exemplo na troca de materiais.

Futuros jornalistas e publicitários ali estavam, voltando a realizar procedimentos que muitos atribuem somente a crianças (em idade...).

Em 2015, estudantes que tinham participado das oficinas anteriores voltaram a se encontrar e, agora já formados, solicitaram a participação em nova oficina – Oficina II, na qual voltaram a construir brinquedos.



Figura 1: Aluno durante a Oficina I.



Figura 2: Aluna durante a Oficina I.



Figura 3: Alunos e oficineiro durante a Oficina I.



Figura 4: Alunos durante a Oficina I.



Figura 5: Oficineiro e alunas durante a Oficina I.



Figura 6: Alunos durante a Oficina I.



Figura 7: Alunos durante a Oficina II.



Figura 8: Alunos e oficineiro durante a Oficina II.

2) Em 2012, ainda na Universidade Católica de Brasília, sugerimos um exercício para os alunos dos cursos de Comunicação Social e de Serviço Social, que nos fazia pensar também no Turismo: fotografar, e imprimir as imagens em forma de cartões-postais, registrando lugares considerados “importantes” para os educandos, no local em que moravam ou por onde andavam.

Paralelamente, eram sugeridas leituras que apoiassem as pesquisas. Observamos que, em vários dos textos que acompanhavam os cartões-postais, eram colocadas epígrafes de pensadores, poetas ou músicos, e citados trechos lidos nos livros e artigos sugeridos.

Recorremos a textos como os de Maffesoli (em especial no “O tempo das tribos”), e aos de Bóris Kossoy (em especial no “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica”) sobre a realização de cartões-postais referentes a esses locais considerados importantes para os estudantes – com os quais eram estabelecidos “laços” de curiosidade ou de afeição e socialidade, pois se tratavam de cartões que seriam enviados para outras pessoas, ou guardados como lembranças:

[...] para brincar com as palavras, podemos dizer que o *lugar se torna laço*. E isso nos lembra de que talvez estejamos diante de uma estrutura antropológica que faz com que a agregação em torno de um espaço seja o dado básico de toda forma de socialidade. Espaço e Socialidade. (MAFFESOLI, 2010, p.211)

Lemos também Urry, que pensa no olhar do turista e faz referências que utilizamos para avaliar a opção de os educandos escolherem seus temas de cartões-postais, por serem, para eles, “extraordinários”:

[...] o olhar [do turista] é estruturado também a partir da construção social de “noções culturalmente específicas daquilo que é extraordinário” e, portanto, **digno de ser visto**. (URRY, 2001, p. 96)

A propósito dos cartões-postais, buscamos referências especialmente em Siqueira e Siqueira e em Boris Kossoy:

[...] Quando viaja, o turista ou o viajante busca comunicar impressões do lugar visitado através de relatos que podem ser feitos durante a viagem ou após o retorno: fotografias em papel ou digitais, vídeos, *souvenires* e cartões-postais são alguns dos registros possíveis. Tanto para turistas quanto para viajantes, os cartões-postais parecem ser um bom meio de comunicação com aqueles que ficam, uma das muitas formas de mostrar o que se viu e conheceu, enfim, de dizer que se “esteve lá”. (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2005, p.1)

E Siqueira e Siqueira questionam, em seguida: “Mas afinal, o que os postais mostram, revelam ou ocultam?” Tal questão confirmou-se, para os estudantes, em sua própria experiência de construir cartões-postais, e foi enfrentada em sala.

Boris Kossoy dedica o último capítulo de seu livro “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica” (edição revista, de 2016) ao cartão-postal. Ali, comenta sobre o assunto. Entre tantas, enfatizamos suas ideias quanto à “perpetuação” de memórias e possibilidades de revê-las (e de compartilhá-las):

[...] os cartões-postais [...] sempre propiciaram a possibilidade imaginária de viajar para qualquer parte do mundo sem sair de casa. (KOSSOY, 2016, p. 63)

Embora tivessem acesso a tecnologias contemporâneas, muitos dos estudantes não tinham vivenciado o “tirar fotos” nem, muito menos, “fazer cartões-postais”. Alguns deles nem conheciam cartões-postais (que, como o próprio nome diz, se destinavam ao compartilhamento pelos correios), embora compartilhassem – “enviassem” - imagens existentes em redes sociais a outros participantes de redes sociais. As razões da demanda de construção de cartões-postais eram, além de propor que eles próprios fossem autores de imagens a serem disponibilizadas para outras pessoas (ou guardadas como lembranças), a valorização de seus locais de moradia (quase todos moravam em núcleos urbanos fora do eixo do Plano Piloto – ou de Brasília: Águas Claras, Taguatinga, Ceilândia, Riacho Fundo, Samambaia, Recanto das Emas, Santa Maria, Guará, Brazlândia, Gama, Sobradinho...) e de formas de comunicação cada vez mais raras. E, de uma forma ou outra, havia também o estímulo para que outras pessoas conhecessem aqueles locais – o que caracterizava um tipo de turismo local, afetivo.

O resultado, além da produção final de cartões-postais, foi a satisfação em escolherem imagens e imprimirem seus cartões (eram autores de cartões que tinham um significado e um sentido!), ou de saírem muitas vezes em grupos de “vizinhos”, para fotografarem.

A brincadeira, os aspectos lúdicos da atividade, tinham sido alcançados.

A seguir, disponibilizamos alguns dos cartões então produzidos. Todas as fotos são tiradas no Distrito Federal. Sua autoria e escolha está registrada na autoria dos cartões.



Figura 9: Renata Cardoso
Pista de Bicicross – Guará



Figura 10: Renata Cardoso
Calçadão – Guará



Figura 11: Janaína Scartozzini
Chácara Três Meninas -
Samambaia



Figura 12: Maykon M, Yamamoto

Ellen Oléria – Ceilândia

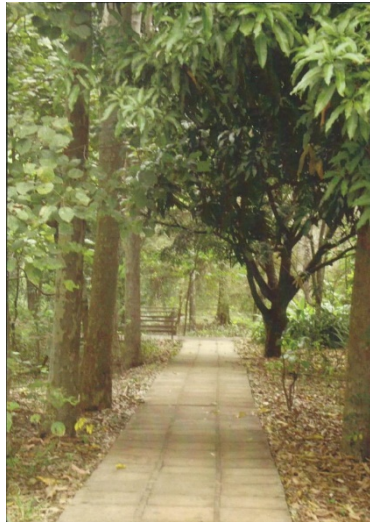


Figura 13 - Brenda Amorim
Parque Onoyama –
Taguatinga



Figura 14 - Altieres Losan
Casal no Parque – Águas Claras



Figura 15: Victor M.de A.Alves
Casa do Cantador – Ceilândia

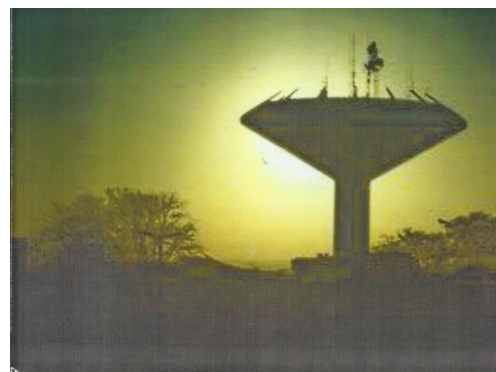


Figura 16: Adriele V.Rolim
Caixa d'Água - Ceilândia



Figura 17: Percy Souza – Vista do Lago Veredinha – Brazlândia



Figura 18: Renato Diego Contrastes – Santa Maria

3) Na Graduação em Turismo da Universidade de Brasília destacamos duas oportunidades recentes em que foi possível “aplicar” essas ideias sobre aprendizagem: a de orientar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre cartões-postais de Brasília (em que são confrontados olhares “oficiais” e “não oficiais” sobre a cidade); e “ministrar” a disciplina Seminário em Turismo, em 2017.

Temos constatado, na experiência de xxx, que a aprendizagem em Turismo deve incorporar algo presente em muitas de suas conceituações: a busca pelo bem-estar e por alternativas ao cotidiano do turista vivenciado em seu local de moradia. Urry, em seu livro de 2001, já dizia que o turista procura aquilo que difere de seu cotidiano, quando realiza viagens.

Além disso, o estudante de Turismo (e de outros cursos, e de outros níveis) deve ter flexibilidade em relação a seus pontos de vista, e respeitar as demais culturas. Segundo Netto (2010, p. 72),

Fazer turismo envolve comunicação. [...] portanto, comunicar-se é também se relacionar com outros povos e culturas, sendo assim, é um item primordial do turismo.

A disciplina Seminário em Turismo é optativa e aberta para outros cursos. Isso permitiu que a turma de 42 estudantes tenha sido formada por graduandos em Turismo (a maior parte deles), e alunos de outras Graduações da UnB: Administração, Nutrição, Comunicação Social, Ciências Sociais, Biotecnologia, Mecatrônica, Engenharia Civil, Engenharia Computacional.

Os estudantes, em sua maioria, estavam terminando seus cursos. No Bacharelado em Turismo, geralmente cursavam o sétimo semestre de um curso de oito, no mínimo, e, aqueles dos demais cursos, participavam dos respectivos últimos semestres ou, em alguns casos (como também no curso de Turismo), estavam concluindo sua Graduação.

O Seminário consistia na apresentação, alternada semana a semana, de profissionais de experiência mais consolidada ao longo do tempo (nas áreas de Gestão Empresarial, Turismo, Arte, História) e de colegas do curso de Turismo, que já haviam se formado e que, portanto, tinham vivido a experiência de apresentar seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Os convidados conversavam com a turma sobre sua experiência de vida e lembravam suas escolhas de áreas de interesse, inclusive no TCC ou em outros trabalhos. Destacavam, sempre, as dúvidas, os desafios, o processo de escolha. Após suas apresentações, os estudantes comentavam as conversas e dirigiam perguntas aos “palestrantes”.

O objetivo da disciplina foi tornar agradáveis e úteis os finais de curso, e lembrar aos estudantes que a vida é mais que o que acontece na academia. Quando falamos em “agradáveis”, enfatizamos que todo trabalho deve envolver “seriedade”, responsabilidade, comprometimento – e também leveza, brincadeira. Repetimos: “podemos ser rigorosos, sem ser rígidos”; “a busca de conhecimento deve ser prazerosa”. Podemos encontrar felicidade nesse processo (com crítica, sempre) e não é preciso que nos tornemos carrancudos

para demonstrar seriedade – em todos os momentos do curso universitário e em todos os desafios e delícias da vida.

O produto da oficina foram as (belas) cartas – ou outro tipo de mensagem escrita – em que os alunos simulavam situações de chegada de águas no local em que moravam, de preferência a Vila Amaury, objeto de outra oficina realizada com eles, como contrapartida de um projeto aprovado no Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal – FAC DF.

Já que estávamos tratando com graduandos, buscou-se mostrar-lhes que o Trabalho de Conclusão de Curso não é o primeiro nem será o último de suas vidas; que todo trabalho, acadêmico ou não, merece cuidado especial. Isso fica muito mais viável se o trabalho é útil para o educando e também para quem se interessar pela ação ou pelo assunto. É importante que o tema seja escolhido em função do interesse e da curiosidade do educando, e que haja consciência, por parte de todos, de que aquele trabalho passa a ser referência e pode ser útil não só para sua autora ou autor, mas para colegas, professores, funcionários, pessoas que tenham curiosidade pelo tema tratado. No caso de qualquer atividade – inclusive o trabalho acadêmico, isso pode ocorrer não apenas depois de concluído, mas mesmo quando em andamento.

Considerações

Como mencionado anteriormente, em junho de 2017 foi realizada, com a turma de Seminários em Turismo do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – CET/UnB, a Oficina “Todos somos contadores de histórias”, contrapartida do projeto aprovado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal – “Uma cidade encantada. Memórias da Vila Amaury, em Brasília”, de xxx. Na oportunidade foi apresentado aos estudantes o *e-book* produzido e recentemente lançado. Pretendemos, então, ao falar da Vila

Amaury, estimular os estudantes de Turismo a incluírem o Lago Paranoá e a vila ali submersa em possíveis políticas públicas em Turismo e em roteiros turísticos. Os demais educandos poderiam vir a encontrar, no Lago Paranoá e em outros destinos turísticos, algo a mais que lhes interesse, principalmente por serem moradores do Distrito Federal.

A decisão de desenvolver a oficina com essa turma é um dos corolários do que vem sendo desenvolvido por nós em sala de aula ou em outros espaços que transformamos em “escolares”. Pretendemos fazer da Oficina uma atividade em que estivesse presente nosso lado “brincar” – dos educadores e dos educandos. Isso foi feito sem deixar de lado os compromissos de conhecimento e as descobertas sobre “o que existe submerso no Lago Paranoá” – e em outros espaços de alguma forma submersos...

É oportuno lembrar que, nas atividades que podemos desenvolver, não se espera que a educadora ou o educador façam permanentemente o papel de animador cultural, mas que incluam e estimulem, em sua postura e na dos educandos, o brincar e a ludicidade, bem como a desconfiança crítica, a confiança em si mesmo, a integração entre os conteúdos a serem discutidos.

Sugerimos que o brincar, a crítica e a busca de bem-estar, dos educandos e educadores, sejam fortalecidos ao longo do processo de aprendizagem, preparando-nos para a vida – que, de formas diferentes, vivemos no passado, estamos vivendo e viveremos.

Referências

BENJAMIN, W. Brinquedo e brincadeira. In: **Obras Escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2009.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

DIENSTMANN, Satyam Bomer. **Espaços públicos de Brasília e seu potencial turístico**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo). Centro de Excelência em Turismo. Universidade de Brasília. Brasília.

DUARTE, J. & BARROS, A.(Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **O que é realidade**. 10.ed., 5.reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FREIRE, P. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 5ed. revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LARROSA, J.B. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p. 04-27, jul./dez.2011.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.19, jan./fev./mar./abr.2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 13.02.2017.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MOESCH, Marutschka Martini & GASTAL, Susana (Orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

(autora). **Uma cidade encantada**. Memórias da Vila Amaury, em Brasília. *E-book*. Disponível em www.cargocollective.com/cidadeencantada. Acesso em 23.09.2017.

(autores). Comunicólogo que brinca, comunica mais? **Revista Observatório**. Palmas, v.1, n. 1, p. 43-62, mai./ago. 2015.

NETTO, A. Panosso. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

OLIVEIRA, A.N.de. **Para além das fronteiras das fotografias: as histórias não contadas pelas fotografias de promoção dos destinos turísticos**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo). Centro de Excelência em Turismo. Universidade de Brasília. Brasília.

SILVA, Maria Alice Setúbal (Org.). **Memórias de brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez/CENPEC, 1989.

SIQUEIRA, E. & SIQUEIRA, D. Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. Trabalho apresentado ao NP19 – Comunicação, turismo e hospitalidade, do **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 05 a 09 de setembro de 2005. Disponível em www.espacoacademico.com.br/065/65souza_felipe.htm. Acesso em 03.06.2017.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

WESTFAL, L.H. **Brasília e os cartões-postais: percepção e fotografia**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo). Centro de Excelência em Turismo. Universidade de Brasília. Brasília.

O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA. Chimamanda Adichie. **TedGlobal**, 2009. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em 03.06.2017.

TAKAI, Fernanda. Depoimento sonoro sobre o lançamento do livro "O cabelo da menina" na Feira do Livro de São Paulo [ago.2016]. In **Rádio CBN**, 22.08.2016. Entrevista a Pétria Chaves. no programa Revista CBN.

TARJA BRANCA – a revolução que faltava. Filme. Diretor Cacau Rhoden. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2014.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v4n6p878>

TAVARES, Bráulio. Crônicas. In **Jornal da Paraíba**. Disponível em
<http://www.jornaldaparaiba.com.br/coluna/braultotavares>. Acesso em
02.08.2015.

WHERE TO INVADE NEXT. Filme. Diretor Michel Moore. EUA, 2015.